

Um caso de vandalismo oficial em Brasília

O painel de azulejos feito por Athos Bulcão resistiu até a incêndio, mas está sendo roubado aos poucos

A decisão da implosão do esqueleto de hotel cinco estrelas — projeto Paranoá Parque Hotel — situado às margens do Lago Sul, próximo à Academia de Tênis, vem gerando uma série de boatos sobre a demolição do Brasília Palace Hotel. As preocupações, surgidas nos quatro cantos da cidade, são, no entanto, desfeitas pelo presidente da Terracap, Humberto Ludovico: "Não há nada nesse sentido". Contudo, esta tranquilidade é parcial, tendo em vista que este prédio histórico, projetado por Niemeyer e submetido ao abandono há vários anos, é alvo agora de mais um desrespeito: os azulejos que compõem o painel de Athos Bulcão — que não foram queimados pelo incêndio ocorrido em 4 de agosto de 1978 — estão sendo roubados.

O cenário é de desolação. Depois de vencer os carrapichos e o capim, é possível chegar até o painel de Athos, onde as ilusões de ótica provocadas pelos azulejos azuis e brancos se misturam à realidade das grossas camadas de poeira, grandes teias de aranha e insetos mortos. Já a mão humana fez outro serviço: retirou, melhor dizendo — roubou — uma quantidade considerável de peças. Os espaços vazados dão a impressão de que alguém decorou propriedade particular com patrimônio público.

Na parte interna da mesma parede o choque é renovado. A abstração de Athos, pintada diretamente em sua superfície, foi acrescida de elementos alienígenas, tais como contatos de somar e multiplicar, corações desenhados por apaixonados, infiltrações e ferrugem que desce das estruturas metálicas.

Ruínas — Athos Bulcão não quer se envolver com este assunto. Diz que tanto os azulejos como a pintura são acessórios de um projeto de Niemeyer. "Creio que ele deva ser consultado. Não eu. Não posso dar palpites, já que trabalhei apenas como colaborador de um projeto arquitetônico. Estes trabalhos de integração arquitetônica foram feitos sob encomenda. Me foram solicitados. Tinham um determinado fim", pondera, ressaltando que não é dono destas obras. "Elas não me pertencem. Fazem parte de um prédio público".

Pelo lado emocional, Athos diz lamentar que prédios novos — 30 anos — tenham virado ruínas. "É uma espécie de amor que sinto pela cidade, independente do envolvimento que eu possa ter com minhas próprias obras". Niemeyer, por sua vez, esquivou-se da reportagem do CORREIO BRAZILIENSE. E o diretor do Depha (Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico — órgão ligado à Se-

cretaria de Cultura e Esportes do DF), Sílvio Cavalcanti, defende a restauração e a revitalização do hotel.

Como não há previsões para um início imediato das obras de recuperação, Sílvio acha conveniente consultar Niemeyer para que os azulejos possam ser retirados e armazenados em local adequado. Como arquiteto, explica que, necessariamente, eles terão que ser retirados e recolocados durante a futura restauração do prédio. A antecipação desta parte do processo, segundo ele, é o que há de mais viável no momento para a preservação do painel de Athos Bulcão.

Em aberto — Mediante autorização da Terracap, responsável pelo prédio, os azulejos podem sair oficialmente de seu lugar de origem. Sobre o destino do Brasília Palace, o diretor do Depha lembra que, anteriormente, foi ventilada a hipótese de transformá-lo em um hotel-escola, destinado à formação de mão-de-obra para o setor turístico. Vê afinidades entre esta proposta e a atual política de governo.

A criação de um parque público englobando o MAB (Museu de Arte de Brasília) e a Concha Acústica, com instalação de bares, equipamentos de lazer e acesso do público às margens do Lago, é uma das idéias da Secretaria de Cultura. Sílvio salienta que isto valorizará esta área, que tem o Brasília Palace como vizinho. Consequentemente, o interesse pela revitalização do Hotel poderá crescer.

Ele discorda da possibilidade de transferência do painel de azulejos para outro prédio público: "Foram projetados para aquele espaço". Assinala também o interesse da Secretaria de Cultura em ver o Brasília Palace tombado pelo Patrimônio Histórico. "Mas, não de forma em que está hoje". "É preciso garanti-lo como um todo".

História — O arquiteto conta que, junto com o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace já fazia parte da cidade, antes mesmo do concurso para o Plano Piloto de Brasília ter sido proposto. Quando os arquitetos foram convidados, receberam como parâmetros estes dois prédios e o Lago. Estas obras foram iniciadas antes dos resultados serem anunciados.

Após o incêndio foi feita uma licitação pública para que a reforma fosse feita. Sílvio não sabe os motivos que levaram a obra a parar, depois de realizada já ter se recuperado as estruturas metálicas.

O acervo de móveis que sobrou do incêndio está sob responsabilidade do Depha, que remontou no Museu Vivo da História Candanga (antigo hospital HJKO — próximo ao Núcleo Bandeirante) o que seria um quarto do Brasília Palace Hotel. Há também fotos dos vários períodos em que o hotel funcionou.

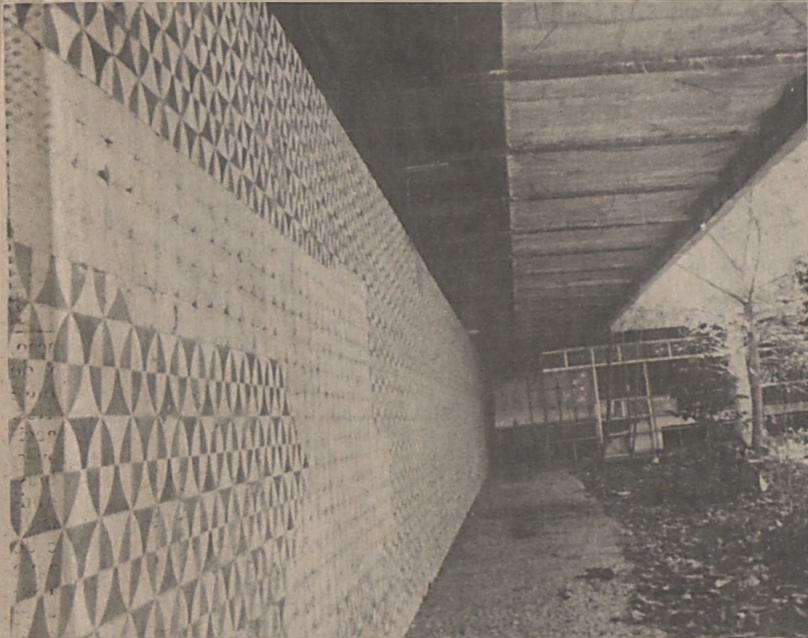
■ Mônica Silva da Silveira

VANDERLEI POZZEMBOM



O painel feito por Athos Bulcão sobre a parede do hotel está manchado e todo mutilado pelo abandono do prédio

VANDERLEI POZZEMBOM



Muitos dos azulejos já foram arrancados da parede, uma perda irreversível

Um prédio e suas histórias

Toar no nome do Brasília Palace Hotel, considerando o estado de abandono em que se encontra, provoca reações de tristeza e indignação em quem tem ligações fortes com Brasília, sua história, arquitetura e arte. O roubo dos azulejos de Athos Bulcão vem agravar esta situação. A assessora cultural da galeria Performance, Maria Luiza Lontra, que também é coordenadora de editoração e eventos especiais do IBPC (Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural), sente-se "muito triste com o abandono completo de uma obra de autoria de Oscar Niemeyer e um dos primeiros edifícios de Brasília".

Ela destaca a importância do Brasília Palace não apenas como exemplo de arquitetura. "Mas também de afeto". Conta que o hotel abrigou, desde a época da construção da capital, pessoas que vinham pela primeira vez a Brasília: "No segundo semestre de 1959, houve aqui um congresso internacional de críticos de arte. Gente de to-

da parte do mundo — entre artistas e arquitetos — se hospedou no Brasília Palace. Na ocasião, os Ministérios eram apenas estruturas. Custava-se a crer que ficassem prontos até abril".

Este patrimônio, de acordo com Maria Luiza, deveria ser objeto de um cuidado especial. "Pena que as autoridades não tenham se dedicado a ele com mais amor", diz, lembrando que as pessoas envolvidas com a cidade desde seu início sentem dor ao vê-lo em estado de deterioração. Ao enfatizar o valor da arte de Athos Bulcão, faz questão de frisar a dedicação deste artista pela cidade: "Ele deixou sua terra por Brasília".

Escumbros — A artista plástica e professora do Instituto de Artes da UnB, Marília Rodrigues, vê o Brasília Palace Hotel como um ponto marcante. E Athos Bulcão como o artista que fez as mais importantes obras relacionadas à integração da arte com a arquitetura no Brasil, e, provavelmente, no mundo.

"Quando se perde esta arquitetura e esta integração, perde-se um patrimônio nacional", exclama Marília, para quem é difícil aceitar que Brasília — uma cidade jovem — tenha escumbros em arte de tal importância. É categórica ao dizer que o painel de azulejos de Athos é uma obra que

não pode ser perdida: "É uma obra pública. Não se pode jogá-la no lixo ou em áreas particulares. Tem que ser cuidada".

Desrespeito — O artista plástico e professor do Instituto de Artes da UnB, Douglas Marques de Sá, já criou "calo" em relação ao desrespeito, "prática que não se constitui em novidade no Brasil". Contudo, em alguns casos, reage. Este é um deles — "há que ser exigida a recuperação total da obra arquitetônica e artística", diz, ressaltando que o crime já foi feito e é preciso ressarir o patrimônio de Brasília contra um dano terrível como este.

José Marques, um pioneiro de 52 anos, mantém uma relação afetiva muito grande com o Brasília Palace Hotel. Após deixar o Exército, passou a trabalhar lá como servente, até chegar ao cargo de segundo caixa. Presenciou a euforia e a animação características do início de Brasília, entre os shows, as festas e os bailes de Carnaval do Brasília Palace. "Convivíamos com pessoas importantes", diz, citando Fidel Castro, Eisenhower, Juscelino Kubitschek, D. Sarah e João Goulart.

Hoje, Marques é funcionário da Terracap. (MSS)